

"Círculo Sexto"

FLORIANO GONÇALVES

Retido a poesia de Maura de Senna Pereira e volto a percorrer as notas que tracei ao sabor da primeira leitura: o mundo da poesia tem também muitas moradas, direi melhor muitas pousadas. Tenho para mim que arte é um aspecto do processo geral de conhecimento do homem, atribuindo a conhecimento um sentido quase tão amplo como se falasse do comportamento. Somente a consciência da procura sistemática da verdade, lógica ou afetiva, limita e diferencia o conhecimento do comportamento total do homem. E esta é nossa marca distintiva.

Mas qualquer que seja, afinal, a substância diferencial que se atribui ao ato da criação artística, arte é linguagem com que o artista reflete sua posição à realidade que o envolve. A atitude estética, essa essência da natureza de artista, traduz a unidade do homem com a vasta, imensa, pluridiferenciada natureza. Digo unidade porque é assim, esteticamente, que ele se identifica com o meio e o tempo em que vive. E identificar é conhecer. Não há novidades nestas considerações, mas elas ocorrem ao ler as duas dezenas de poemas de "Círculo Sexto" e ao comparar a atitude lírica da poetisa, direta, humana e autêntica, às estranhas experiências tão abundantes nestes tempos de novas perspectivas para as dimensões do conhecimento. Passo a passo o mundo faz-se um só, as experiências trocam-se em minutos, de um polo da terra ao outro. Em substância, dois poetas, em pontos diversos, vivem quase simultaneamente, a experiência de um mundo de pessoas fronteiras, no que respeita ao conhecimento lógico e à criação artística. Não há como deixar de atribuir ao artista, à estrutura de seu mundo interior, à sua substância estética, num mundo sem regiões nem tempos eternos, as maneiras tão várias de comportar-se esteticamente.

Parece-me que, à medida em que o outro aspecto do conhecimento, o conhecimento discriminativo, lógico, científico, vai submetendo e disciplinando a natureza, esta constitui-se de forma menos normativa, menos imediatamente determinante para a consciência da unidade estética do homem com seu meio. Preciso lembrar que quando digo unidade não excluo, absolutamente, o conflito ou a contradição, apenas pretendo registrar que a consciência atribui um estilo, uma natureza singular à perpétua luta do homem em procura da verdade que responde às suas necessidades históricas. Se é assim, o que avulta na atitude estética de cada artista moderno é o componente-homem, com todas as suas implicações históricas. Poder-se-á dizer que é, ainda, o complexo natureza refletido o seu labor histórico na atitude estética do homem. Isto é certo e esta é a dialética do processo do conhecimento.

Pois bem, a par de tanta experimentação e tanta procura, o lirismo de Maura de Senna Pereira é também a elaboração de seus valores, na cria-



Ilustração de G. Campodolfini para "Círculo Sexto"

ção de seus símbolos, na modulação de sua linguagem. O novo, em sua arte, está na substância mesma de seu impulso criador. Não quero com isso afirmar que a forma da poetisa tenha atingido sua mais alta expressividade. Maura é poeta em evolução. Deixo salientar que o elemento novo de sua poesia está na substância de seus temas. Em seu instrumento ela dedilha de seus temas melodia lírica, um lirismo essencialmente feminino, mas de uma mulher do seu tempo, atual. Por outro lado, a atitude estética de Maura deu tar-

ENSAIOS — Alceu Amoroso Lima

Na quarenta e uma, precisamente, A.A.L. encerra uma atividade intelectual das mais ativas que lá se cumpriram no Brasil.

Consuando o memorando, o AGN, que se orgulha de ser o editor de sua obra, indica o lançamento da sua série de ENSAIOS.

TEATRO CLAUDELLANO — Vol. I — Cr\$ 40,00

O TRABALHO NO MUNDO MODERNO — Vol. II — Cr\$ 40,00

O ESPÍRITO UNIVERSITÁRIO — Vol. III — Cr\$ 40,00

VISÃO DO NORDESTE — Vol. IV — Cr\$ 40,00

Edições AGN em todas as livrarias —
Rua México, 50-B — RIO

Dezembro - 1955

LEITURA

Em face da pouca acessibilidade das novas formas dessas artes, o grande público busca orientar-se e procura os esclarecimentos da crítica. Mas, encontra na crítica moderna o mesmo hermetismo, a mesma linguagem simbólica e pouco comunicável, que havia deixado na pintura e na escultura.

Não são dos mistérios das artes, a maior parte das pessoas vai aos mistérios da crítica. Não tendo penetrado na escultura do escultor ou na pintura do pintor, o público também não penetra na crítica do crítico.

A crítica usa igualmente linguagem bastante metafórica, um vocabulário específico das novas artes, privativo dos artistas e dos críticos, pouco familiar ou desconhecido dos leitores.

Essa natureza hermética da crítica moderna não se observa apenas no nosso país. Passamos críticos de boa qualidade, bem informados, lúcidos, penetrantes, só não citando nomes para não cometer injustiças. Esse hermetismo da crítica moderna é universal. Observa-se em toda a parte, em consequência certamente da natureza simbólica da pintura e da escultura. A própria revista de arte "Aujourd'hui" publicou, certa vez, trechos de crítica inteiramente incompreensíveis. Alguns exigiam mesmo bola de cristal para se adivinhar o sentido. A revista reclamava objetividade e clareza aos críticos, alguns bastante ambíguos.

Entre nós, qualquer leitor interessado poderá fazer cobelênes de mistérios e bruxarias da nossa crítica moderna.

Dei-me certa vez a esse trabalho, tendo ficado inteiramente perplexo, mesmo a arbitrariedade da nomenclatura e o indefinível de tantos conceitos, muitos transformados em lugares comuns.

Com a pequena experiência de estudante de história das artes plásticas, tenho encontrado pessoas inteligentes e sensíveis, que se mostram mais perplexas com as críticas do que com as próprias obras artísticas, que muitas vezes assumem, aos seus olhos, acedíveis aspectos decorativos.

Esses simples fatos parecem indicar a necessidade de orientação didática da crítica da arte moderna ou antiga, principalmente em nosso país, dada sua baixa índices de educação artística. Essa orientação didática da crítica, extensível aliás às exposições e museus, torna-se entre nós verdadeiramente imperiosa, pelo menos enquanto não se adotam as providências mais amplas e renovadoras dos métodos de educação.

No sua imensa maioria, o brasileiro vive à margem da arte, moderna ou antiga. Numa das ilhas de São Paulo, passou por aqui o pintor italiano Emilio Vedova, que se surpreendeu com o montanhismo do interesse brasileiro pela pintura moderna. Disse, com certa graça e muita verdade, que no Brasil só quem vai a exposição de pintura moderna, só quem entende de pintura moderna, só quem fala com pintor moderno é a gente bem. Foi apresentado a colonistas socialistas como grandes entendidos em pintura moderna. O povo, as demais classes ignoram completamente pintura antiga ou moderna.

Essa situação, como sabemos, é geral, não sómen- te brasileiro, apesar da autenticidade das novas formas artísticas, expressões fiéis do nosso tempo.

Para diminuir-lo, ao lado da escola, onde se mostrará ser a arte manifestação normal da vida, cabem também deveres e responsabilidades aos críticos, particularmente aqueles atuando diretamente junto ao público, na imprensa, no rádio na televisão e no cinema, como aos diretores de museus e organizadores de salões e exposições,

Três

Grande

Autores:

Jean - Paul Sartre

Simone de Beauvoir

Françoise Sagan

A Inquisição de nossa época:

JEAN-PAUL SARTRE em suas obras traduzidas — Os Caminhos da Liberdade, no triângulo: I — A IDADE DA RAZÃO. II — SURSIS. III — COM A MORTE NA ALMA. Obras de grande fôlego da literatura existencialista de nossa época.

As angústias do homem moderno:

SIMONE DE BEAUVOIR em obras de grande profundidade psicológica nos livros: A CONVIDADA. TODOS OS HOMENS SÃO MORTAIS. MEMÓRIAS DE UMA MOÇA SEM CONFORTADA.

Raptura dos preconceitos:

FRANÇOISE SAGAN com os livros de maior êxito da pós-guerra: BOM DIA TRISTEZA. UM CERTO SORRISO. DENTRO DE UM MES. DENTRO DE UM ANO e a melhor obra recém-editada. VOCE GOSTA DE BRAHMS...

Pedidos à

Difusão Européia do Livro

Rua Bento FREITAS, 362, 8º — Telef.: 33-2438

S. PAULO

ma à sua rebeldia íntima e à doce maternidade que as arranhadas e tradicionais relações em que foi criada, e a própria funcionalidade orgânica de sua natureza feminina, autoconsciente. Adiante vem a temática e a simbólica de que seu sentimento revolta-se para dar origem poética à sua luta.

Um outro componente do impulso criador lírico desta poetisa é que na consciência do autêntico e sincero feminino é o assomo de alegria selvagem, pastorela com que ela se identifica à natureza fecunda, simbolizada na bucólica cidadelinha de nascimentos, no poema em que ao visto de frutos e flores e espera a vinda fecundante do sol ou do pensamento do homem amado, já que seu ventre não deu os frutos que a maternidade desejou. Mas esta desdobra-se docemente na ênfase para meninas e no maguado poema da negra Zité.

Finalmente, a rebeldia lírica encontra o símbolo universal que lhe nutre a forma e a poesia conta a liberdade num mundo criador e bom, levando, erguida como um cântaro — ainda o símbolo da feminilidade — a pedra para edificar o templo comum do homem.

Vê-se que o lirismo aqui não se aguçou na espera monótona do amado, na lamentação de sua perda ou nas repetidas promessas que a hora de amá-lo será melhor que a de hoje. Ela ama e o amor lhe fecunda a alma, o lirismo cresce com a semente do homem e faz-se maternal, meigo, épico, atuante. Então, leva sua pedra ao templo livre do homem.

Há variações e imprecisões, ainda, na temática e na imagística, o pensamento poético nem sempre encontra a justa forma que o tornaria nítido como uma linha de luz na trama simples do poema.

É o caso das duas primeiras composições do livro. A ansia de liberdade, luz e beleza agita-se como um pássaro prestes a voar, depois parte numa busca de amplitude e ar. Mas parte com versos assim: "O universo completo da alma" ou "meu espírito agnóstico seja um ôdio amovível". Mas o espírito alça vôo lírico e vai de encontro ao amor cuja compreensão própria se plasma em "Amor", "Parábola", "Lagos da Concreção", "Canto da Compadecida", e vem "Veraneio" que uma intensa mágoa tempera, ao fim, com a visão do menino pelo. É a maternidade ampla e universal e a fraternidade participante no "Poema para Zité", "Histórias para menina", "Pedra para o templo".

Os limites deste trabalho não comportam exame mais detido de cada um dos poemas de "Círculo Sexto". Aqui vão, apenas, as indicações ilustrativas de que afirmo quanto à substância do lirismo da poetisa. Quero ainda assinalar que a verdade nua e a beleza são o norte da vida e a íntima pulsão de sua poesia. Vê-se "Rosa da Feira" e a transfiguração da negritude ao encontrar a rosa murcha que se vivifica ao calor do sorriso da mulher. A flor é o pão da alma.

Finalmente, a arte do Maura de Senna Pereira é uma arte em movimento para o futuro, a irmã, a amante, a mãe que lhe dão a essência feminina do canto trarão, como cântaros ao ombro, muita pedra ainda, porque o tempo do homem está em construção. Enquanto houver quem possa e não tenha na cabeça duma criança e descanse os olhos manceiros numa árvore, o lirismo terá de que se nutrir. Esperemos outros cantos novos da poetisa.

Editôra ALBA Ltda.

CIA. BRASILEIRA DE ARTES GRÁFICAS

R. Riachuelo, 129 - Tel.: 22-3288 - Rio de Janeiro
Largo 7 de Setembro, 58 - P. ed. - Fone: 63-4200
São Paulo

Seus LANÇAMENTOS

COLEÇÃO JURÍDICA

	Cd
A MINERAÇÃO À LUZ DO DIREITO BRASILEIRO — Dr. Eliseu Salom — 3 vols.	1.350,00
REPERTÓRIO DE JURISPRUDÊNCIA DO CÓDIGO DO PROCESSO PENAL — Dr. Darcy Arruda Miranda — 3 vols. VII e VIII	850,00
PREVIDÊNCIA SOCIAL — Dr. Húlio Campos de Amorim	500,00
INTERUPÇÃO DA PRESCRIÇÃO DE TÍTULOS VENCIDOS — José Augusto Martins Silva — 2 vols.	250,00
IMPOSTO DE TRANSMISSÃO DE PROPRIEDADE — Cezar Martins — Dr. Antônio Martins — 2 vols.	200,00
REPERTÓRIO DO DIREITO DO TRABALHO E PREVIDÊNCIA SOCIAL — Dr. Manoel Cavalcanti de Albuquerque — Encadernado	600,00
TRATADO DE TERRAS DO BRASIL — em 2 vols. — Dr. M. Linhares de Lourdes — primeira volume encad.	600,00

COLEÇÃO ESPIRITUALISTA:

NO MUNDO DOS ELEMENTAIS — Delfino M. Martins	120,00
OS SALMOES MÁGICOS — Delfino M. Martins	70,00
A NUVEM SOBRE O SANTUÁRIO — D'Elckhorsthausen	70,00
XXXVI CONGRESSO EUCARÍSTICO INTERNACIONAL — Doutor Antônio Martins Alonzo	250,00
ASSEM FALOU JESUS CRISTO — Ezequiel Vazquez	170,00
O ANJO NEGRO DA PIRÂMIDE — (sem publicação)	

LITERATURA:

SONATA PARA ALGUÉM — Romanço de romances e vitória do crime grande — Dr. Teixeira Soares	220,00
AVANÇANDO O SINAL — crônicas — Victor Sá	120,00
OUVRIM DO IPERANGA — Biografia Ilustrada de Hino Nacional — Amoroso de Albuquerque	100,00
PETROLEO — BOBONE — LA PAZ — a verdade sobre os tratados com o Bolívar — Embaixador Teixeira Soares	120,00
O METEORO — Poemas — Vany de Melo	100,00

Atendem pelo Reembolso Postal

Escritores e Artista Aplaudem "O Mambembe"

Reportagem de SILVIA LEÓN CHALREO

Folha de São Paulo e Parangarua

Desde o estréia no Teatro Municipal de peça de Arthur Assvedo e José Fico, o cronista teatral não podia ficar indiferente aos apêlos unânimes de grande platéia e o tempo o seu alago de lado a os emoções e o seu entusiasmo. É voltando a espetáculo para a sua própria, um público de tora, sul, nam teatro de Copacabana, a fêbula comunicação emocional vai tendo a sua continuidade. Ouvindo os escritores e os artistas o crítico revela ao público o seu espetáculo, sentindo como danças Marcos André, em sua crítica, uma dificuldade enorme para também louvar, louvação que tem que vir numa tentativa de confirmação.

Jorge Amado:

— Acho que o Grupo dos Sete iniciou o seu trabalho com o pé direito — com a melhor acção possível, estão sentindo um grande entusiasmo pelo mambembe. É um espetáculo delicioso que prova a existência do nosso Teatro. Parabéns a todos os artistas, diretores e colaboradores.

Edmundo Motta, Diretor do Teatro Nacional de Teatro:

— Considero o Teatro do Arthur Assvedo vivo e atual — ele sempre agreda — a prova está nas últimas representações de *A Joca* e *O Mambembe*. O mambembe não só tem uma direção e uma interpretação extraordinária como também um cenário e um figurino onde havia um alto espírito de modernidade. O essencial é revelar as peças dos nossos autores do passado de acordo com a técnica atual do Teatro. A prova prática da minha afirmação está no sucesso das representações das duas peças referidas que foram bem recebidas.

Henrique Fagundes:

— O Mambembe é o encontro inesperado de dois grupos do teatro brasileiro o que não devia ser aguardado e a que obra novos conflitos. Arthur Assvedo teria visto — se vivo — a grande crítica de sua obra, mambembe costume após seu dia de Glória.

Corina Repetto, crítica:

— A mensagem de *O Mambembe* pelo Teatro dos Sete, foi a grande acontecimento do ano teatral brasileiro. O espetáculo, tanto pela beleza extraordinária do cenário, quanto pela alta nível de interpretação, conquistou a audiência paulista e vir rapidamente pelo teatro brasileiro nacional.

Santos Miranda, romancista:

— A apresentação de *O Mambembe* de Arthur Assvedo, pelo elenco do Teatro dos Sete, dirigida por Glendon Ratto, tendo como escritores Labiano e Fernando Torres, é algo que comove e emociona. Espetáculo maravilhoso sob todos os aspectos, pois conseguiu captar toda a essência, o encanto e a beleza da obra e a autêntica beleza do nosso velho Arthur Assvedo. Grande noite para o Teatro Nacional e maravilhoso triunfo dos diretores e artistas.

Professor Lopes Gonçalves, Presidente da Associação Brasileira de Críticos Teatrais:

— É uma bela realização cênica em que encontramos o idealismo de um novo grupo de artistas aprendendo a mais recente das técnicas dos artistas do futuro.

Luiz Balaça, poeta e teatrólogo das coisas genuinamente brasileiras:

— É a maior realização que já se fez em matéria de Teatro Nacional. Transformou uma burocracia que não se dá ao público do Rio de Janeiro numa peça absolutamente sã e que tem dignidade aos olhos. Não há que destacar nenhuma das figuras que nela tomam parte — todos se portaram admiravelmente bem — não se podia desviar nada de melhor. Glendon Ratto realizou uma obra digna do grande artista que ele é. O espetáculo é um espetáculo maravilhoso.

ALVARUS, o caricaturista do Rio de Janeiro:

— Arthur Assvedo merece esse elogio e esse Diretor que é também um grande cenógrafo. Grande e inapagável espetáculo!

Italo Campesinato, jovem jornalista da equipe de Brasília:

— Espetáculo extraordinário — o melhor que assisti em dez anos. Glendon, Fernando Montenegro, tudo. Não há um ponto baixo em todo o espetáculo. Apareceu pela primeira vez um grupo de Teatro que vale a pena — é melhor do que os outros porque tem o que os outros nunca tiveram — unidade intelectual e artística, consciência de uma posição. Gustavo Dória, crítico teatral e Professor da Escola Dramática Martins Pena:

— Espetáculo magnífico que confirma todas as propriedades que se fizeram visíveis as possibilidades do Teatro dos Sete: um excelente elenco servido por uma direção idêntica a serviço do bom Teatro.

Mora e Waldemar Henrique, a famosa dupla de novo teatro:

— Achamos maravilhoso todo o espetáculo. Artistas, cenários, direção, tudo. Como a Brasil se engrandece com isto. Obrigados.

Teófilo Bonfatti, crítico teatral de Olinda, Recife e Professor do Conservatório de Teatro:

— Um espetáculo de uma homogeneidade surpreendente. Com esse não vem. São-Tes constitui os dois maiores espetáculos do ano. Maravilha época na história do movimento teatral no Brasil.

Van Joffe, cronista e humor de teatro:

— O Mambembe é um espetáculo admirável em todos os sentidos. Tudo funciona absolutamente bem! Glendon Ratto é um homem alçando no sentido do positivo e o teatro dos Setes começa com o pé direito para uma longa jornada.

Yara Sales, do Fundação Brasileira de Teatro:

— O Mambembe é tão fabuloso que a gente tem vontade e todo tempo de interromper o espetáculo — no espetáculo dos cenários, no aproveitamento de cada ator e em cada mensagem nova. Tenho dois desejos pessoais: que mambembe pelo Brasil inteiro mostrando o que é bom, não sendo mambembe que sejam críticos finalmente quanto a não artificialmente.

Waldemar Henrique, poeta e ator teatral:

— De segunda vez que vi o meu entusiasmo foi ainda maior. São-Tes pela primeira vez diante de um espetáculo teatral apêlo não na qualidade que sempre me promoveu o Hino Nacional. Como espetáculo me tem completamente apaixonado. Não tenho tempo para crítica, de repente so-